

OPINIÃO

SEGURANÇA: O QUARTO CICLO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

GUSTAVO DINIZ JUNQUEIRA
Secretário da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

A METÁFORA "45-45-45 > 15-15-15" retrata bem o caminho do agro no Brasil. Ao longo de meio século, a transformação de país importador para um dos principais exportadores passou por diversas fases. Porém, antes de olhar para o sucesso, deve-se analisar os números. Há 45 anos, 45% da população morava no interior e a família brasileira gastava 45% da sua renda para comprar alimentos. Em 2015, a população rural chegou a 15%, com dedicação de 15% da sua receita mensal à alimentação. Ao contrário do que se poderia esperar, com a redução de trabalhadores no campo, os preços baixaram para um terço dos valores reais praticados na década de 1970 e a população mais do que dobrou durante esse período.

Os *drivers* da revolução são conhecidos: a ocupação de terras com tecnologias tropicais e produtores hábeis na aplicação de técnicas de produção sofisticadas. Mesmo considerando as heterogeneidades regional e operacional nas propriedades e nas empresas, é possível dividir a trajetória recente do agro brasileiro em quatro ciclos.

O resultado da combinação do esgotamento da 'conta café', do crescimento da população, do processo migratório do campo para a cidade e do choque do preço do petróleo em 1973 fez a importação de alimentos atingir quase um terço do consumo nacional. Esse cenário, juntamente ao empenho do Governo em criar tecnologias adequadas e realizar projetos de infraestrutura, possibilitou ao País alcançar novos recordes de produção de proteínas vegetais e animais. O foco estava no volume e na oferta de comida a preços menores. Trata-se do ciclo quantitativo.

Atendidas as primeiras necessidades, o foco ampliou-se, iniciando o ciclo qualitativo. Quem compara a carne bovina de animais tradicionalmente abatidos com 35 meses da pecuária extensiva com a carne *prime* de novilhos precoces de hoje percebe o impacto do salto tecnológico sobre a produção. Os avanços na genética e nas soluções de mecanização e o plantio direto transformaram produtos simples em mercadorias com valor, facilitando a exportação para mercados sofisticados.

Após a Rio-92 e em sintonia com outras preocupações da sociedade em relação à preservação do meio ambiente, o agro entrou no seu terceiro ciclo, a produção sustentável. Exigências dos mercados importadores ajudaram na construção de marcos regulatórios e práticas de controle, preparando um novo patamar para o funcionamento da cadeia produtiva. A população passou a consumir alimentos melhores, mantendo as despesas na faixa de 15% da renda familiar.

De repente, deparamo-nos com o coronavírus. Apesar de pouco impacto direto sobre o campo, a logística, a distribuição e os *food services* foram gravemente impactados. Mesmo assim, não houve desabastecimento. Mais ainda, a população reconhece, hoje, a importância do agro. Por outro lado, garantir a segurança dos produtos e a rastreabilidade em todos os elos da cadeia ganhou destaque e protagonismo. Controles mais eficientes passam a ser exigidos. Entramos no ciclo da segurança, que soma a exigência de sanidade às exigências de quantidade, qualidade e sustentabilidade. Temos um novo paradigma para o agro brasileiro, que, mais uma vez, irá responder aos novos desafios com agilidade e eficiência. ■

O agronegócio entra no quarto ciclo de desenvolvimento, que soma exigências de sanidade, quantidade, qualidade e sustentabilidade.